

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO BÁSICA DE SAÚDE NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS - PB.

Felipe Gonçalves Bezerra ¹

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
felipebiomedicina@outlook.com

Fernando dos Santos Leite ²

Faculdade Integradas de Patos – FIP
fsleite_12@hotmail.com

Diego Vinícius Amorim Cavalcante ³

Universidade Federal da Paraíba – UFPB
labcentersjp@bol.com.br

RESUMO

A automedicação é um procedimento utilizado por qualquer indivíduo, que tem como intuito tratar problemas de saúde ou aliviar os seus sintomas a partir do consumo de medicamentos aprovados pela ANVISA, sem prescrição médica. Esta prática tem crescido bastante ao longo dos anos pelos seus usuários, sejam eles por motivos biológicos ou sociais. É uma prática observada tanto em países desenvolvidos, quanto em países em desenvolvimento. O objetivo dessa pesquisa constituiu-se em avaliar a prevalência da automedicação entre os profissionais da área da saúde no município de Cajazeiras, bem como descrever o número de profissionais que recorreram à automedicação, identificar os medicamentos não prescritos mais utilizados e descrever os motivos que os levaram a automedicação. A pesquisa foi incluída a coleta de dados quantitativa, constituindo-se da aplicação de um questionário composto por quatro perguntas, envolvendo variáveis independentes (sexo, idade ou formação) e variáveis dependentes (uso de medicamentos sem prescrição). Foram incluídos na pesquisa todos os profissionais da saúde e todas as UBS - unidades básicas de saúde na cidade de Cajazeiras da zona urbana. O total de amostra foi de 43 profissionais em sua respectiva área de atuação. Todos os profissionais responderam que em algum momento de suas vidas já recorreram à automedicação, mas nem todos afirmaram que estavam conscientes dos efeitos adversos que ele pode provocar. O estudo foi de relevância para o entendimento lógico, sobre a prática de se automedicar. Concluindo que seria quase impossível a não utilização e de grande importância reduzir a prática. Nem todos profissionais que trabalham na área da saúde, têm conhecimento suficiente sobre determinado tipo de fármaco. Os estabelecimentos não farmacêuticos, a falta de informação e a necessidade rápida de obter o alívio, são os principais motivos que levam a procura essa prática.

¹ Felipe Gonçalves Bezerra, Graduado em Biomedicina, pela Faculdade Santa Maria – FSM.

² Fernando dos Santos Leite, Graduado em Biomedicina, pela Faculdade Integradas de Patos – FIP.

³ Diego Vinícius Amorim Cavalcante, Graduado em Farmácia, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Palavras-chave: Automedicação, Atenção Básica de Saúde, Medicamentos.

PREVALENCE OF SELF MEDICATION AMONG THE HEALTH OF PRIMARY CARE PROFESSIONALS IN THE MUNICIPALITY CAJAZEIRAS - PB.

ABSTRACT

Self-medication is a widely used procedure by any individual who has the intention to treat health problems or relieve their symptoms from the consumption of drugs approved by ANVISA, without a prescription. This practice has grown considerably over the years by its users, whether by biological or social reasons. It is a practice observed both in developed countries and in developing countries. The objective of this research was to assess the prevalence of self-medication among health professionals in the city of Cajazeiras, and to describe the number of professionals who resorted to self-medication, identify the most used non-prescription drugs and describe the reasons that led them to self-medication. The research included the collection of quantitative data, being the application of a questionnaire with four questions involving independent variables (gender, age or education) and independent variables (use of drugs without prescription). The study included all health professionals and all UBS - Basic Health Units in Cajazeiras city urban area. The total sample was 43 professionals in their respective area of expertise. All professionals said that at some point in their lives have resorted to self-medication, but not all said they were aware of the adverse effects it may cause. The study was of relevance to the logical understanding of the practice of self-medication. Concluding that it would be almost impossible not to use and of great importance to reduce the practice. Not all professionals working in health, have sufficient knowledge about a certain type of drug. The non-pharmacy outlets, lack of information and the rapid need to get the relief are the main reasons that demand this practice.

Key words: Self-medication. Health Primary Care. Medicines.

INTRODUÇÃO

O número de medicamentos de venda livre tem crescido bastante durante os últimos anos, bem como a facilidade desses chegarem às mãos de seus usuários. Um dos motivos para que isso aconteça se deve ao fato de serem vendidos em estabelecimento não farmacêuticos, favorecendo assim a prática da automedicação.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é definida como "o uso de medicamentos para manter e preservar a saúde, para prevenir e curar doenças". É um procedimento caracterizado pela iniciativa da pessoa doente, em obter um medicamento, seja drogas, ervas ou remédios caseiros, a qual acredite que lhe trará benefícios no tratamento, melhorando a qualidade de vida, impedindo a evolução aguda ou crônica da doença, aliviando os sintomas e as dores (EDUARDO MARTINEZ, *et al.*, 2014).

A automedicação é entendida como o ato pelo qual, os indivíduos tratam seus problemas de saúde sem prescrição médica. Está relacionado diretamente com o autocuidado que as pessoas têm de prevenir ou evitar certas doenças, com o uso de medicamentos aprovados e disponíveis em estabelecimentos não farmacêuticos para serem adquiridos sem prescrição, e que sejam seguros e eficazes em quanto a sua utilização (GALATO, *et al.*,

2012). Por outro lado, a automedicação inadequada pode trazer diversas conseqüências ao usuário, como enfermidades e doenças evolutivas, são os famosos “efeitos adversos” (SANTOS, *et al.*, 2013). O risco dessa prática muitas vezes está correlacionado com a informação que os usuários têm sobre o medicamento, como também acessibilidade dos mesmos ao Sistema Único de Saúde (SUS).

A prescrição médica é um instrumento utilizado para a indicação terapêutica, devendo conter informações essenciais, como identificação do paciente e do tratamento a ser realizado, da dose a ser administrada, sobre a freqüência e a duração do tratamento adequado ao perfil e as condições de saúde do paciente (CRUZETA, *et al.*, 2013).

A compreensão da prescrição é considerada um fator de grande importância para o tratamento de qualidade. Problemas relacionados a não compreensão das informações da prescrição, são bastante comuns nos serviços de saúde. As suas causas podem ser diversas, como por exemplo, uma linguagem complexa ou informações contidas na prescrição de forma desorganizadas ou até mesmo uma caligrafia inadequada, como é bastante encontrada as quais tornam ilegível as informações. Outros fatores como a quantidade de medicamentos, os nomes dos medicamentos (se genérico ou não) podem influenciar na sua compreensão da prescrição.

De um modo geral, podemos definir mais precisamente a prescrição como uma indicação de medicamentos aprovados pela autoridade sanitária competente, que um paciente enfermo deve tomar. Essa indicação pode se feita pelo médico ou cirurgião dentista (NOBRE, 2013).

A necessidade do alívio causado pelo impacto negativo que a dor causa aliado a ausência da qualidade nos atendimentos da atenção básica, são motivos que levam ao pacientes a procurar a automedicação, que pode gerar risco se não administrada de forma correta (EDUARDO MARTINEZ, *et al.*, 2014). As conseqüências desta prática são numerosas: O aumento das reações adversas, aumento de resistência bacterianas, diminuição da eficácia do tratamento, lesão aguda na mucosa gástrica (em pacientes que já tiveram úlceras e usam fármacos que contem o ácido acetilsalicílico como princípio ativo), dependência do fármaco e mascarar os sintomas na realização do diagnóstico são algumas delas (ARBEX, *et al.*, 2010).

Os medicamentos de venda livre são aqueles medicamentos que são vendidos sem receitas médicas. Exemplos deles são os (AINES) antiinflamatórios não esteroidais ou hormonais, usado na maioria das suas vezes em processos inflamatórios. Tem como objetivo

tratar ou aliviar algum sintoma. É um meio de promover a saúde, independente de sua prescrição (OSORIO, *et al.*, 2014). Estão entre os medicamentos mais prescritos em todo o mundo. São utilizados em vários tratamentos, dentre eles a da inflamação, artrite reumatóide, dor e edema, em processos alérgicos, dor de cabeça e enxaqueca, dor menstrual, prevenção contra o infarto agudo do miocárdio, prevenção contra aneurisma cerebral, nas osteoartrites e distúrbios músculo-esquelético (BATLOUNI, 2010).

Dentre os principais (AINES) que apresentam números elevados de prescrições estão destaque os denominados inibidores seletivos do ciclooxigenases-2 (COX-2). Apesar do reconhecimento do papel no tratamento da dor, sua venda não tem sido acompanhada pelos seus usuários causando reações adversas, dada a sua toxicidade sobre vários sistemas. Entre os efeitos mais comumente relatados pode-se citar a perda do efeito protetor da regulação superior da COX-2 na isquemia miocárdica e no infarto agudo do miocárdio, insuficiência renal aguda e elevação da pressão arterial média. Sendo que os efeitos colaterais ocorrem mais frequência no aparelho gastrointestinal, incluindo dor abdominal, azia e diarreia. O tratamento sendo utilizado em um longo prazo pode causar úlceras gástricas (SANCHEZ-QUILES, *et al.*, 2013).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Brasil são vendidos por ano cerca de 32 mil medicamentos. Dessa maneira, podemos entender que as drogarias na maioria das vezes não são consideradas como uma unidade de saúde, mas como um ponto de comércio, onde o real objetivo é a venda dos seus produtos (SOUSA, *et al.*, 2008). É comum hoje, você ver drogarias fazendo ofertas dos seus produtos, com descontos menores nas compras a vista ou parcelado no cartão de crédito em varias vezes, como também oferecendo serviços de entrega a domicílio, para agradar seus clientes e facilitando de certa forma o consumo de medicamentos.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho foi avaliar a prevalência da automedicação entre os profissionais da atenção básica de saúde do município de Cajazeiras, como também identificar os medicamentos mais utilizados e os motivos que levaram a recorrer à automedicação.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma coleta de dados quantitativo, envolvendo os profissionais da atenção básica de saúde, localizado na cidade de Cajazeiras, no estado da Paraíba, com área territorial de 565, 899 km² e população aproximada de 58.446 habitantes, conforme dados extraído do censo IBGE 2016.

A população da pesquisa compreendeu todos profissionais das UBS - unidades básicas de saúde na cidade Cajazeiras e a amostra foram 43 profissionais.

O instrumento utilizado na construção da coleta de dados constitui-se na aplicação de um questionário composto por quatro perguntas, envolvendo variáveis independentes (sexo, idade ou formação) e variáveis dependentes (uso de medicamentos sem prescrição).

A pesquisa foi realizada a partir dos princípios éticos da bioética, onde tem como fundamento garantir o total esclarecimento necessário aos entrevistados, bem como também o absoluto sigilo das informações obtidas durante todas as etapas, a partir de normas e diretrizes que obedecem a Resolução 510/2016, publicado no dia 13 de junho de 2013 na edição Nº 112 do Diário Oficial da União (DOU).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

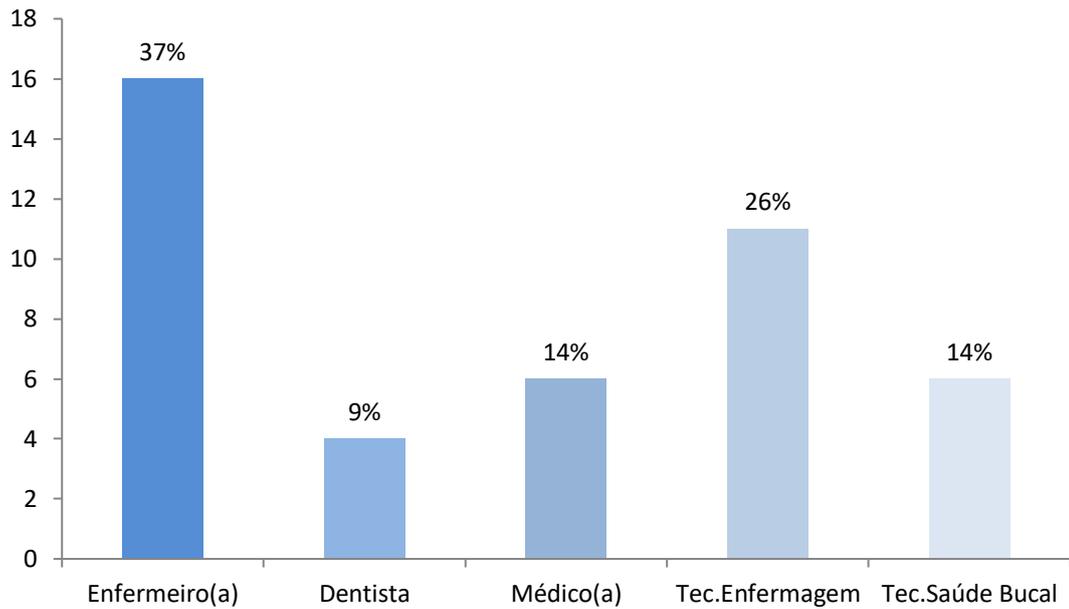
Foi realizada uma coleta contendo 43 profissionais, que de livre e espontânea vontade aceitaram participar da pesquisa como consta no (TCLE) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dos 43 profissionais que participaram do questionário, todos responderam que em algum momento de suas vidas, já se automedicaram.

Tabela 1. Gênero dos profissionais participantes da pesquisa na cidade de Cajazeiras – PB por sexo.

Gênero	Nº	Nº %
Masculino	10	23%
Feminino	33	77%
Total	43	100%

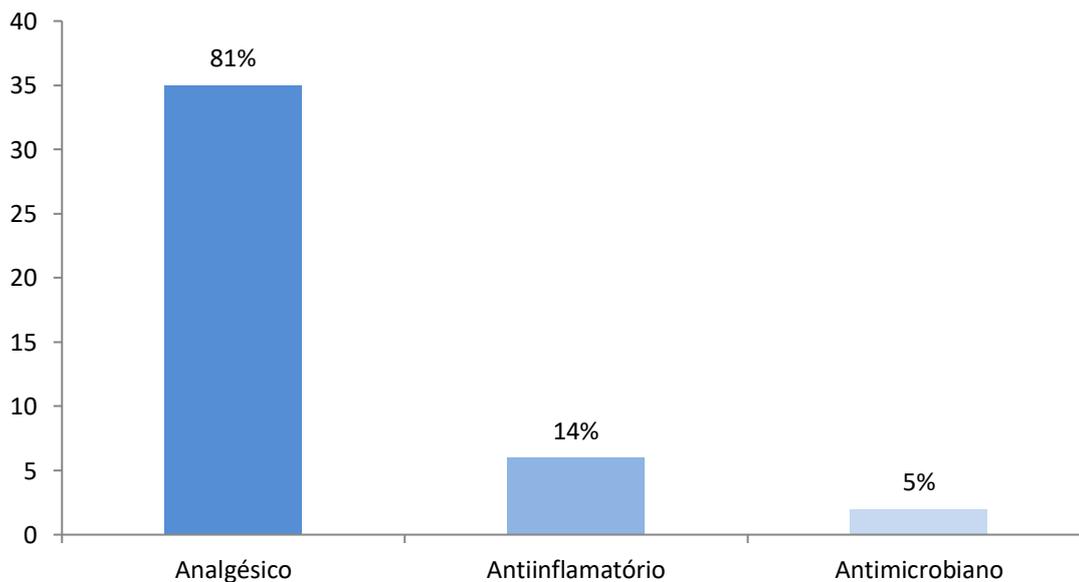
A tabela 1 mostra que dentre os 43 profissionais que responderam os questionários, 10(23%) deles eram do sexo masculino e 33(77%) deles eram do sexo feminino.

Gráfico 1. Formação dos profissionais participantes da pesquisa na cidade de Cajazeiras – PB.



O gráfico 1 mostra que dentre os 43 profissionais que responderam o questionário, 16 deles eram enfermeiro(a)s, 4 eram dentista, 6 eram médicos, 11 eram técnicos em enfermagem e 6 eram técnicos em saúde bucal.

Gráfico 2. Classes de medicamentos mais utilizados pelos profissionais da área da saúde no estudo.



O gráfico 2 mostra que dentre os medicamentos mais utilizados pelos profissionais, em primeiro lugar estão os analgésicos com 35 dos questionários respondidos, em segundo lugar os antiinflamatórios com 6 dos questionários respondidos e em terceiro os

antimicrobianos com 2 dos questionários respondidos.

Os resultados do gráfico 2 são comparados com outros estudos (ELY, *et al.*, 2015) e (TELLES FILHO, *et al.*, 2013) onde mostra que os medicamentos da classe dos analgésicos estão sendo mais utilizado atualmente. Já (OSORIO, *et al.*, 2014) mostra resultados diferentes, onde seus estudos comprovaram que os antiinflamatórios não esteriodais são os mais utilizados.

Os analgésicos atuam na inibição da síntese de prostaglandinas, responsáveis pela dor leve e moderada, são bastante importantes principalmente em quadros de febre, pois atua impedindo a produção da enzima que causa a febre, não interferindo no funcionamento fisiológico do hipotálamo, que é região do cérebro que controla a temperatura do corpo, fazendo com que a temperatura do nosso corpo fique estável, entre seus 37°C (QUEIROZ, *et al.*, 2013). Em contra partida os analgésicos também fazem parte da classe dos (AINES) antiinflamatórios não esteriodais, provocando assim diversas reações adversas se for consumida de forma errada, a exemplo do paracetamol 500mg, que se for usado descontroladamente pode causar insuficiência hepática (RIBOLDI, E, *et al.*, 2012).

Tabela 2. Conhecimentos dos participantes sobre os efeitos adversos dos fármacos.

Conhecimento sobre os efeitos adversos	Nº	Nº %
Sim	37	86%
Não	6	14%
Total	43	100%

A tabela 2 mostra o número de profissionais que tem conhecimentos sobre os efeitos adversos produzido pelos fármacos. Dentre os 43 profissionais que responderam o questionário, 37(86%) deles afirmaram que tinha conhecimentos sobre os efeitos adversos, já 6(14%) deles responderam que não tinha conhecimentos sobre os efeitos adversos.

Os resultados obtidos na tabela 2 são de grande relevância, mesmo que a minoria dos profissionais tenha afirmado que não, pois só mostra que nem todos, sendo formados nas respectivas áreas de atuação, têm conhecimento suficiente sobre determinado medicamento, podendo levar a diversas conseqüência a sua saúde. São comparados com estudos (CORREA, *et al.*, 2013), (MENDES, *et al.*, 2014) e (OSHIKOYA, 2011), que mostraram resultados

parecidos com esse.

Tabela 3. Motivos que levaram os profissionais da área da saúde a utilizar os medicamentos.

Incentivos que levou a utilização do medicamento:	N°	N° %
Pelo conhecimento adquirido na faculdade	28	65%
Aconselhado pelo farmacêutico	8	19%
Aconselhado pelo amigo de profissão	4	9%
Através da mídia	3	7%
Total	43	100%

A tabela 3 revela o motivo pela qual os profissionais se automedicaram. A maioria dos profissionais que responderam o questionamento, responderam que se automedicaram pelo conhecimento adquirido na faculdade, 28(65%). O restante respondeu que se automedicaram através da mídia 3(7%) (propaganda, radio, TV e etc.), aconselhados pelo farmacêutico 8(19%) e aconselhados pelo amigo de profissão 4(9%). Contudo isso se observa os resultados dos outros motivos que levaram aos profissionais da saúde a recorrerem à automedicação, além do conhecimento adquirido na faculdade, como exemplo, o aconselhamento do farmacêutico, por trabalhar em uma drogaria ou farmácia de manipulação, pela mídia onde oferece descontos acessíveis a comprar do medicamento ou pelos aconselhamentos de um amigo de profissão, por na maioria das vezes trabalhar diretamente na área.

CONCLUSÕES

Não se pode condenar o ato de se automedicar, porque seria impossível o atendimento de um profissional médico para solucionar todos os sintomas da população. Parece haver relevância da utilização da automedicação entre os profissionais da saúde, por ter um conhecimento mais claro sobre o determinado assunto, em relação à população em geral, mas nem sempre todos têm esse conhecimento. A facilidade de esses medicamentos chegarem às mãos dos usuários nem sempre é favorável. Os estabelecimentos não

farmacêuticos, a falta de informação e a necessidade rápida de obter o alívio, são os principais motivos que levam a procurar essa prática. É importante estar informado sobre o risco que aquele determinado medicamento pode provocar ao ser consumido. É impossível para essa prática. Assim, é necessário que os profissionais da área da saúde se adaptem, reduzindo o consumo desenfreado ou ao mito de cura milagrosa, ao mesmo tempo em que seja incentivada a procura do profissional médico, onde é o mais indicado a se fazer.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Marcos Abdo; VARELLA, Marília de Castro Lima; SIQUEIRA, Hélio Ribeiro de and MELLO, Fernando Augusto Fiúza de. Drogas antituberculose: interações medicamentosas, efeitos adversos e utilização em situações especiais - parte 1: fármacos de primeira linha. *J. bras. pneumol.* [online]. 2010, vol.36, n.5, pp.626-640. ISSN 1806-3713.

BATLOUNI, Michel. Anti-inflamatórios não esteroides: Efeitos cardiovasculares, cerebrovasculares e renais. *Arq. Bras. Cardiol.* [online]. 2010, vol.94, n.4, pp.556-563. ISSN 0066-782X.

CRUZETA, Alana Patrício Stols et al. Fatores associados à compreensão da prescrição médica no Sistema Único de Saúde de um município do Sul do Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2013, vol.18, n.12, pp. 3731-3737. ISSN 1413-8123.

CORREA, Anderson Domingues; CAMINHA, Juliana dos Reis; SOUZA, Cristina Alves Magalhães de e ALVES, Luiz Anastacio. Uma abordagem sobre o uso de medicamentos nos livros didáticos de biologia como estratégia de promoção de saúde. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2013, vol.18, n.10, pp.3071-3081. ISSN 1413-8123.

EDUARDO MARTINEZ, José et al. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. *Rev. Bras. Reumatol.* 2014, vol.54, n.2.

ELY, Luísa Scheer et al. Uso de anti-inflamatórios e analgésicos por uma população de idosos atendida na Estratégia Saúde da Família. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* [online]. 2015, vol.18, n.3, pp.475-485. ISSN 1809-9823.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline and PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciênc. saúde coletiva*[online]. 2012, vol.17, n.12, pp.3323-3330. ISSN 1413-8123.

MENDES, Luiz Villarinho Pereira; LUIZA, Vera Lucia e CAMPOS, Mônica Rodrigues. Uso racional de medicamentos entre indivíduos com diabetes mellitus e hipertensão arterial no município do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2014, vol.19, n.6, pp.1673-1684. ISSN 1678-4561.

NOBRE, Patricia Fernandes da Silva. Prescrição Off-Label no Brasil e nos EUA: Aspectos legais e paradoxos. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2013, vol.18, n.3, pp. 847-854. ISSN 1413-8123.

OSHIKOYA, Kazeem Adeola et al. Incidence and cost estimate of treating pediatric adverse drug reactions in Lagos, Nigeria. *Sao Paulo Med. J.* [online]. 2011, vol.129, n.3, pp.153-164. ISSN 1516-3180.

OSORIO, Álvaro; OTERO REGINO, William and GOMEZ ZULETA, Martín. Utilización de AINES y uso de IBP profilácticos en pacientes de medicina interna *RevColGastroenterol* [online]. 2014, vol.29, n.2, pp.125-130. ISSN 0120-9957.

QUEIROZ, Thallita Pereira et al. Dipirona versus paracetamol no controle da dor pós operatória. *Rev. odontol. UNESP* [online]. 2013, vol.42, n.2, pp.78-82. ISSN 1807-2577. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-25772013000200002>.

RIBOLDI, E.; LIMA, D.A. and DALLEGRAVE, E.. Sensibilidade espécie-específica aos anti-inflamatórios não esteroidais: humanos X animais de companhia. *Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.* [online]. 2012, vol.64, n.1, pp.39-44. ISSN 0102-0935.

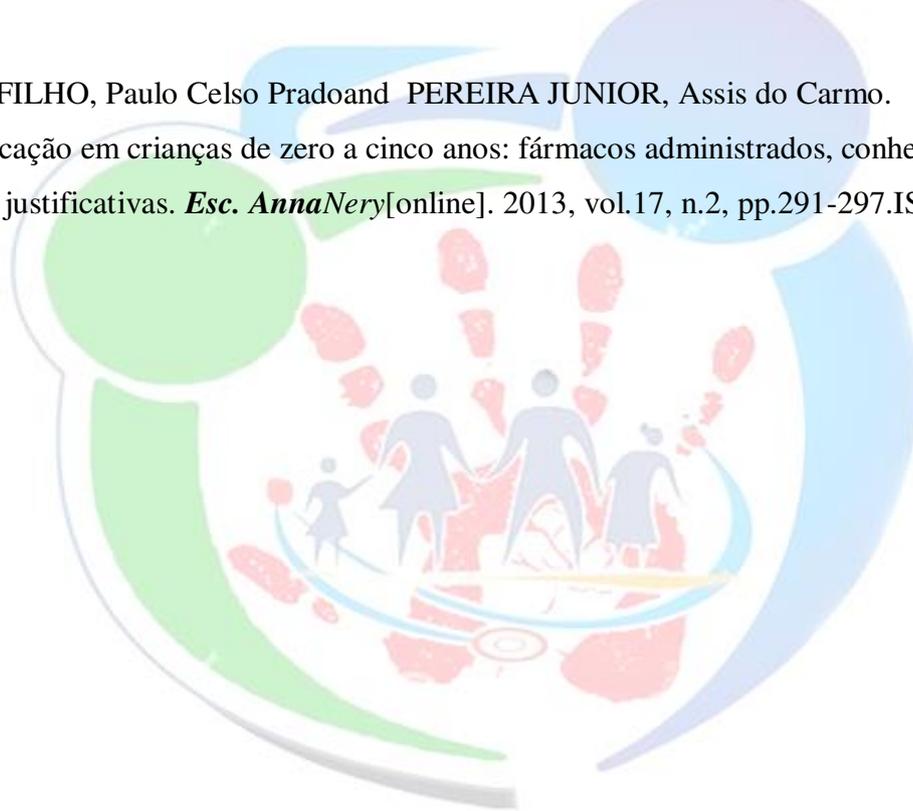
SANCHEZ-QUILES, I. et al. Mejoradel conocimiento sobre reacciones alérgicas cruzadas endos grupos de medicamentos: β -lactámicos y AINEs. *Farm Hosp.* [online]. 2013, vol.37, n.6, pp. 499-509. ISSN 1130-6343.

SANTOS, Thalyta Renata Araújo et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia,

Brasil. *Rev. Saúde Pública* [online]. 2013, vol.47, n.1, pp.94-103. ISSN 0034-8910.

SOUSA, H. W. O.; SILVA, J. L.; NETO, M. S. A importância do profissional farmacêutico na automedicação no Brasil. *Revista Eletrônica de Farmácia, Goiânia*, v. 1, p. 67-72, 2008.

TELLES FILHO, Paulo Celso Prado and PEREIRA JUNIOR, Assis do Carmo. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. *Esc. AnnaNery*[online]. 2013, vol.17, n.2, pp.291-297.ISSN 1414-8145.



I CONGRESSO BRASILEIRO
em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios

e

CONGRESSO REGIONAL
em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública

REALIZAÇÃO:

